

APLICANDO AS HEURÍSTICAS AOS LIVROS

Abaixo, as heurísticas são descritas em função do modo como foram interpretadas para que pudessem ser aplicadas aos livros:

1. Diálogo Simples e Natural: O modo como cada autor de modelagem dispõe as informações para a execução de seu traçado deve obedecer a uma sequência operacional que pareça lógica e natural para o leitor, de acordo com as partes do corpo humano. Normalmente, nas bibliografias de modelagem, as operações partem da porção superior do torso (degolo e ombro), seguem para o busto e finalizam na cintura. Portanto, iniciar uma nova parte sem que a primeira tenha sido concluída, exige que o leitor retome repetidamente algo que já deveria ter sido finalizado, gerando duplo esforço em vez de seguir naturalmente uma sequência lógica. Segundo Nielsen [3], informações que são utilizadas juntas, devem ser passadas juntas, de modo que a sequência torne a tarefa o mais produtiva e efetiva possível. Da mesma forma, o *layout* da página, tal como na interface de sistemas, deve usar as regras da Gestalt de acordo com os processos de percepção humana para que o leitor entenda e relacione as partes do diálogo do texto. Para isto, estas informações devem estar agrupadas por linhas ou quadros, e ter os mesmos caracteres, cor e tamanho [3]. Estes princípios gráficos estruturais devem ser usados para ajudar o leitor a entender a estrutura do texto, antes mesmo de iniciar a leitura.

2. Falar a Linguagem do Usuário: A linguagem adotada pelos autores de modelagem deve ser aquela baseada no vocabulário do leitor, evitando o uso de palavras estrangeiras ou pouco usuais – deve-se optar por sinônimos mais comuns sempre que possível. Mas, de acordo com Nielsen [3], isto não implica a exclusão de termos técnicos, pelo contrário, as terminologias específicas de determinado conteúdo devem prevalecer sobre o linguajar comum, a fim de se manter o diálogo apropriado de um assunto em particular. Neste caso, leitores de modelagem e modelistas utilizam os mesmos termos para dialogar, sejam os nomes das ferramentas, sejam

denominações de medidas e cálculos. Assim, cada autor deve tratar de usar palavras já conhecidas da área, em vez de impor novos termos desconhecidos, conforme a Figura 5:

- 22 Dobrar a pence unindo **M** e **N**. Com a pence fechada, retraçar **ML** com a régua curva. Passar a carretilha nesta linha para marcar a profundidade da pence.

Figura 5: diálogo simples de Duarte e Saggese [2], utilizando termos apropriados – carretilha e pence.

3. Minimizar a Sobrecarga de Memória: Nos livros de modelagem, cada passo indicativo de uma tarefa a ser executada, no papel, pelo leitor deve ser conciso o suficiente para que não seja exigida grande carga de memória no intervalo entre o término da leitura do tópico até a finalização da tarefa. Segundo Nielsen [3], passar muitas informações, atributos ou objetos ao mesmo tempo, resulta numa relativa perda de foco pelo leitor, portanto, em termos de eficiência, “menos é mais”, visto que se o leitor tiver necessidade de ler, aprender e lembrar de cada informação dentro de um único tópico para executar uma só tarefa, haverá sobrecarga de trabalho, logo, baixa eficiência, como mostra a Figura 6:

Depois de traçada a zona da cáva, marque a linha do busto EF, como já foi ensinado, isto é, determinando CE com a medida da altura do busto menos 1 cm. Se esta for de 18 cm, CE medirá 17 cm.

Figura 6: ordem de execução de Brandão [1] – muitos dados para a execução de apenas uma tarefa.

4. Consistência e Padrões: Este é um dos princípios básicos de usabilidade. Se o leitor sabe que o mesmo comando dado pelo livro sempre trará o mesmo resultado, então passa-se a confiar mais na execução da tarefa. Para Nielsen [3], a mesma informação deve ser formatada da mesma maneira a fim de facilitar o reconhecimento da ação pelo leitor. No caso da modelagem, por exemplo, alguns procedimentos requerem determinada posição da régua, que é descrita no texto, detalhadamente, para que o leitor consiga reproduzir no papel. Se, num passo